

**Que venha a  
Senhora Dona**

## OUTROS LIVROS DO AUTOR:

O fosso de Babel | Nova Fronteira, 1997

A Poética do Hipocentauro. Literatura, sociedade e discurso ficcional em Luciano de Samósata | Editora da UFMG, 2001

Helleniká: introdução ao grego antigo | Editora da UFMG, 2005  
(com Maria Olívia de Quadros Saraiva & Celina Figueiredo Lage)

Antiga Musa: arqueologia da ficção | Editora da UFMG, 2005

A Invenção do Romance | Editora da UNB, 2006

Jacyntho Lins Brandão

Que venha a  
Senhora Dona

*JTE*  
*Jessitura*

Belo Horizonte

2007

Copyright © Jacyntho Lins Brandão, 2007  
Direitos desta Edição – Tessitura Editora, 2007

CAPA E PROJETO GRÁFICO  
Milton Fernandes

EDITORIA RESPONSÁVEL  
Maria Adélia Vasconcelos Barros

---

FICHA CATALOGRÁFICA ELABORADA PELA BIBLIOTECÁRIA NINA C. MENDONÇA - CRB 1228-6

---

B817q      Brandão, Jacyntho José Lins, 1952-  
              Que venha a Senhora Dona / Jacyntho Lins Brandão. –  
              Belo Horizonte: Tessitura, 2007.  
              120 p. ; 14 x 21 cm.

ISBN: 978-85-99745-12-0

1. Teatro brasileiro. I. Título.

CDD : B869.242

---

TESSITURA EDITORA  
Av. Getúlio Vargas, 874 . sala 1503  
30112 - 020 . BH . MG . Brasil  
55 . 31 . 3262 0616 . [www.tessituraeditora.com.br](http://www.tessituraeditora.com.br)

# SUMÁRIO

QUE VENHA A SENHORA DONA	09
Esclarecimento	11
<i>dramatis personae</i>	12
I	13
II	15
III	28
IV	45
V	49
VI	52
VII	54
VIII	59
IX	60
X	65
XI	66
XII	57
XIII	68
XIV	69
XV	72
XVI	75
XVII	77
XVIII	83
XIX	88
XX	95
XXI	98
XXII	105
XXIII	107
XXIV	109
XXV	110
XXVI	111
XXVII	112
XXVIII	113
XXIX	116

*Ganhei (perdi) meu dia.*

*E baixa a coisa fria*

*também chamada noite...*

Carlos Drummond de Andrade, *Elegia*

Para a Magda,  
como então,  
também vinte e cinco anos depois





**Que venha a  
Senhora Dona**



## ESCLARECIMENTO

*Que venha a Senhora Dona* esteve em cena em agosto/setembro de 1981, no Teatro da Imprensa Oficial, Belo Horizonte, em virtude de ter obtido, em abril do mesmo ano, o primeiro lugar no *Concurso de Textos Teatrais* promovido pela Fundação Clóvis Salgado. Do júri participaram Márcio Machado, Francisco Pontes de Paula Lima, Luiz Carlos Bernardes, Alisson Vaz e Ricardo Rocha. O prêmio consistiu na montagem do espetáculo.

A direção foi de Afonso Drumond, com cenário de Cláudio Goeckler, figurino de Marcella Beckwith, trilha sonora de Márcio Machado, sonoplastia a cargo de Edward Andrade, Jorge Luís na iluminação e, na contra-regra, Ronaldo Ferreti.

O elenco era composto por Breno Fon Silva (Jorge), Beth Coelho (Cibele), Wilma Patrícia (Inocência), Helena Montenegro (Inacinha), Helvécio Ferreira (Salvador), Selme Borém (Teteca), Eni Mendes (Isabel) e José Roberto Lage (Luisinho). Helvécio Ferreira e Wilma Patrícia davam prosseguimento a uma carreira já tradicional. Selme Borém surpreendia. Helena Montenegro voltava aos palcos depois de uma longa ausência, desde os tempos do teleteatro da TV Itacolomi. E Beth Coelho estreava um de seus primeiros trabalhos.

Durante esses mais de vinte anos, algumas pessoas, algumas vezes, me têm pedido o texto, de que eu conservava apenas um rascunho datilografado. Que agora se publica, com alguma modificação.

Janeiro de 2007

*dramatis personae*

JORGE

CIBELE, mulher de Jorge

D. INOCÊNCIA, mãe de Jorge

LUISINHO, irmão de Jorge

D. ISABEL, mãe de Cibeles

SALVADOR, pai de Cibeles

TIA INACINHA

TETECAL

# I

*Jorge dialoga com uma personagem invisível. O relógio está batendo meio-dia. A luminosidade deve dar um tom fantástico à cena.*

JORGE

Doze horas? Só isso?

.....

JORGE

É muito pouco tempo! Como é que eu posso resolver um negócio desses em doze horas?!

.....

JORGE

Isso é um absurdo! É asneira! Eu não acredito!

.....

JORGE

Como não acredito nos meus olhos?!

.....

JORGE

Estou, eu estou vendo. Mas é absurdo. Em pleno século vinte. Mil novecentos e sessenta e...

.....

JORGE

Como?

.....

JORGE

Tá certo. Concorde. Também hoje gente morre. Mas morre naturalmente. Morte clínica, sem mistério. Só morre, pronto.

.....

JORGE

Não. Meu filho não. (*Luz no berço do menino.*) Nós esperamos tanto tempo esse menino!... Nós planejamos. Sabe lá a Senhora o que é isso? A Senhora não pode entender: planejamento familiar. A Senhora é muito velha pra entender: você casa e não tem filhos. Primeiro planeja. Trabalha. Ganha dinheiro. Vê quantos filhos agüenta seu ordenado. Quem tem mais de mil anos não ia entender uma coisa tão moderna: soma, divide, depois de tudo

calculado é que deixa o menino vir.  
Pla-ne-ja-do!

.....

JORGE

Eu sei. Eu sei que também a Morte tem seus planos. Mas eu não  
entendo nem quero entender deles.

.....

JORGE

Não. Arriscar o meu filho não!

.....

JORGE

Não pode ser verdade!

.....

JORGE

Mas é. Mas é. É só isso que a Senhora sabe dizer?

.....

JORGE

Não! Espera aí! Não vai embora! Não deixa esse absurdo nas  
minhas mãos! Eu não sou Deus! Espera!

## II

*Cibele entra durante a última fala do marido, vinda da rua, arrumada em excesso, carregando sacolas. Olha-o com espanto. Enquanto fala, a luz do meio-dia invade a cena.*

CIBELE

Com quem é que você está conversando? (*Sem resposta.*) Quem é que estava aí?

JORGE

Eu acho que vou procurar hoje um psicólogo...

CIBELE

Pra quem?

JORGE

Não, psicólogo não... Psiquiatra é melhor, você não acha?

CIBELE

E eu sei lá? Tá pirado?

JORGE

É, psiquiatra pode receitar remédio.

CIBELE

Choque às vezes resolve. A Teteca, quando foi no psiquiatra, ele mandou ela direto pros choques.

JORGE

Será? Me diz: quem tem alucinação vai pros choques?

CIBELE

Quem é que tem alucinação?

JORGE

Choque deve é aumentar as visões, você não acha?

CIBELE

E eu vou lá saber?

JORGE

É claro que sim! Cinema não funciona com eletricidade?

CIBELE

Televisão também...

JORGE

Pois então!...

CIBELE

Eu estou doida pra comprar uma.

JORGE

Comprar o quê?

CIBELE

Uma televisão.

JORGE

Eu com um problemão desses e você falando em televisão!

CIBELE

A televisão da Tia Inacinha é uma coisa! Ma-ra-vi-lho-sa. Você precisava ver!

JORGE

Você não me ouve mesmo, né?

CIBELE

Ouvir o quê?

JORGE

O problema.

CIBELE

Não vem com falta de dinheiro não, que eu não agüento mais!

JORGE

Dinheiro, que merda!

CIBELE

E qual coisa é mais importante na vida?

JORGE

Que tal a Morte?

CIBELE

O quê?

JORGE

Morrer, bater as botas, esticar as canelas! Entendeu?

CIBELE (*desconversando*)

Eu vou pôr essas coisas na cozinha. É pro jantar.



JORGE

As visões, as visões é que são importantes.

CIBELE

Você quer dizer: a televisão.

JORGE

Não. A visão.

CIBELE

Mas que conversa sem pé nem cabeça é essa? Tá ficando doido?

JORGE

Como é que eu posso escolher?

CIBELE

Já sei. Andou bebendo de novo!

JORGE

É como se eu fosse o chefe dum pelotão de fuzilamento...

CIBELE

Já vi tudo...

JORGE

É como se eu fosse um carrasco na guilhotina...

CIBELE

Vai começar com as cenas!...

JORGE

Igual se eu fosse um assassino qualquer, escondido atrás da porta pra eleger quem vai morrer! Quem vai morrer?! Vejamos... (*Têatral, apontando em volta; Cibele se afasta agastada, pondo-se a arrumar as compras para ignorá-lo.*) Talvez você, hem? Quer? Não quer... Ora! Você! Não vai doer... Eu sei que você não quer morrer. Nem eu. Ela é mais velha? É, pode ser. Você é mais velha! Você morre! Mas não chora... Assim eu não posso. (*Apontando para a mulher.*) Ei, você. Você topa? Diga!

CIBELE

Eu já disse que não ia suportar mais suas bebedeiras!

JORGE (*agarrando-a*)

Topa morrer?

CIBELE

Me solta! Eu não estou pra aturar mais seu cheiro de bebida!

JORGE

Topa morrer? Topa?

CIBELE (*compreensiva*)

Você precisa largar essa mania! Olha que situação!... Você tinha prometido. Já tinha até deixado, você lembra? Desde que o nenem nasceu. Você prometeu que não ia pôr mais na boca nada que passa pelo bico da garrafa... E olha que eu duvidei! Eu já tinha até esquecido esse cheiro... Engraçado, você não tá com cheiro de cachaça. Será que voltou minha sinusite? (*Inspira com força.*)

JORGE

Eu não bebi.

CIBELE (*tapando uma narina e respirando com força*)

Vou ter de voltar no otorrino...

JORGE

Eu não bebi!

CIBELE (*tapando a outra narina e fungando com força*)

Aquelas gotas pra pingar no nariz acabaram ontem e eu já estou tapada!

JORGE

Eu disse que não bebi!

CIBELE

Não bebeu?

JORGE

Não.

CIBELE

E isso? Essa cena?

JORGE

Eu não sei onde está minha cabeça, mas eu não bebi.

CIBELE

Tá sentindo alguma coisa? Tá pálido.

JORGE

Não sei.

CIBELE

Vou passar um pouco de café forte. Quer?

JORGE (*pegando a mão de Cibele*)

Não me deixa sozinho.

CIBELE

Você tá gelado! Sua pressão deve ter caído a zero... Tem um resto de vinho do batizado. Vai animar você. (*Sai para pegar o vinho.*)

JORGE

Se eu parei de beber!...

CIBELE (*de dentro*)

Mas isso é uma situação excepcional.

JORGE

Não quero.

CIBELE

Você bebe como se fosse remédio.

JORGE

Meu Deus! Será que eu vi mesmo?... (*Pensando alto.*) Não pode: eu abro aquela porta, venho até aqui e aí... aí eu vejo!

CIBELE (*voltando com o vinho*)

Vê o quê?

JORGE

Ela estava aqui.

CIBELE

Ela quem?

JORGE

É isso. Eu sei muito bem que vi.

CIBELE (*com o vinho*)

Toma, você está precisando.

JORGE

Me diz: eu tenho andado com algum sinal de doidice?

CIBELE

Credo! Vira a boca pra lá. (*Insistindo com o vinho.*) Toma! Vai te fazer bem.

JORGE

Mas olha: se eu não estou doido...